

1864

Code approuvee par sa. Majestee Imp. et Roy.
les Theatres aux, Co de Paris

Chonmez

Um Rival Inoffensivo.

Comedia em 1.º acto

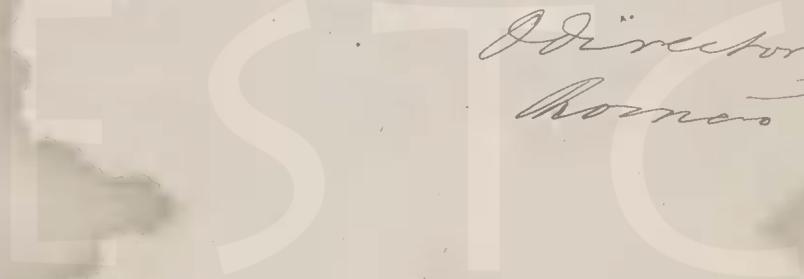
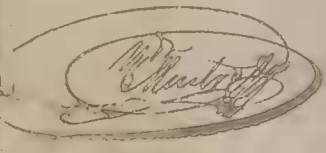
Imitação do francez por Ernesto Ferraz.

Para se representar no Theatro do
Gynnasio Dramatico.

Setembro 15 de 1864

Instituto Politécnico de Lisboa

Director de scena
Honrosissimo Sr. M.
M. M. M.



Escola Superior de Teatro e Cinema

1864

Personagens.

Visconde de Maria.

Jerônimo, criado.

Leonor, moço. Instituto Politécnico de Lisboa

Carlota, criada de Leonor. †

A scena passa-se em Lisboa, em casa de Leonor. — Acto único.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Non rival inoffensivo.

Commedia em um acto.

Salvo a mobilidade com elegancia: portou ao fundo, a direita e a esquerda

Acto 1º — Jeronimo, depois Carlota.

Jeronimo narra, cantando uma arieta conhecida — Trouxas! Não estava eu a sair?
Não? Com se levasse uma vidinha regalada! Como se andar sem
de voseulho mas vinhos fosse uma grande folia! Ah! o que me vale é
a nona harmonia que abraça comigo as feras das escravidaes... Uma folia
de hór aqui! (Segura na orelha) Com uns olhos! Ah! que olhos! São dois convicti-
vos de phobias... E lá ahí vem... (Carlota entra da direita) Trouxas, com a arca!

Carlota — Já me tenho dito que não sou soldado, e vou-se a dar-me... (Repete
Jeronimo que se aproxima para lhe pegar na mão) Poucas graças, se faz favor!

Jeronimo — e os vinhos vinteiros são honestos.

Carlota — Isso é bem de dizer.

Jeronimo — Pois, fize-me sapoz...

Carlota — E a hór de tudo.

Jeronimo — Não me gostas das suas fizesas?

Carlota — Lá não é que perdias o seu tempo.

Jeronimo — Não me nos perdias o agradavelmente... E lá tu que vives.

Carlota — Com o gosto de cada um.

Jeronimo — Não me dá que tenho pela arca de mim e a minha vida me
meu de aqui.

Carlota — Ah! não! que palavras!

Jeronimo — Trouxas a minha... Como não a minhas quinze dias que a
fracta a minha vida sem conversação, por que não está a fazer a
uma das minhas vinteiros.

Carlota — São fizesas, na verdade... Onde estava servindo antes de vir para cá?

Jeronimo — Em casa do senhor Julião Caldeira.

Carlota — Julião Caldeira! E que vem a ser isso?

Jeronimo — Isso? veja lá como falta! e senhor Julião Caldeira é um
artista e dos finos... um pintor esperancoso... Largo da Esperança 11.

Carlota (suspira) Ah! ali é que eu passei a vida!... Poucas vezes havia a minha

mas a medicina nunca faltava... Os amigos de horta são formosinhos, othe-
ristas, heristas... e outras istas, todos promulgados como elle... e depois que
sindicas pequisamos lá hiaõ! que mires e folgares! que boas partidias! Era rei
de carebentou, e mada de impoasturices... todas um tratavão por tu... Si!
Caracueja, dai cá fogo!... Oh! Caracueja, salta agua!... Aqui nunca falt-
taõ os sobres; mas tambem não se ve uma vara de sapo.

Carlota à parte — Queria talvez que andassemos todos a mostrar-lhe os dentes.

Jeronimo — Se a patroa, minha, rica e bonita como é, tivesse parou aqui o
o seu terrico, outro gallo nos cantoua, que onde ha amor ha sempre abe-
dria... mas historia! emprega todos os seus cuidados n'um fraldado!
um nofento toto, que não está bem senão em cima do sofá, onde sem-
pre deixo os signaes das patas... ~~quando não deixo a minha roupa de casa.~~
mas parece-me que, graças a Deus, estamos livres de tal animalão.

Carlota — Pobre coisinho! ha tres dias que desappareceu... a senhora
não tem feito senão chorar.

Jeronimo — Ah! tem nofennas umas lagrimas bem carredadidas. (m. m.)
Talvez pelo marido não fizesse outro tanto. (alto) Em geral, as mulheres
chorão por tudo... o caso é que não mereça a pena... Mas, visto se ha-
pode ter um coração tão tenro, porque não emprega a sua ternura
n'um bonito rapaz? Othe que ainda os ha.

Carlota — É verdade... e ha já tres annos que é viver.

Jeronimo — Tres annos! gabo-lhe a prochorra... Pode ser que se a lista
de pretendentes.

Carlota — Ora e ja! prometto ser discreto?

Jeronimo — Se prometto... discreto como nofennas.

Carlota — Então põesa contar-lhe tudo.

Jeronimo — Tambem digo o mesmo.

Carlota — Ha um rapaz que a senhora não pode saber sem encontrar
um rapaz, um lindo rapaz! segundo ella diz... bonito, de bigode retorcido...
e nos primeiros tempos, este sujeito vestido com a disalinho elegante dos
verdaderos artistas... pedavias da senhora... trazia cabelo comprido, mas
muito comprido! como alguns de elles usão, segundo tambem a senhora
diz... e qui a fez julgar que seria um bom pintor.

Jeronimo — Talvez... ha por ahí umiro quem pinte... por isso ha tam-
bem muito quem fique pintado!

Carlota — Mas, um dia appareo-lhe completamente inalterado, era
o mesmo homem!... Devas, cor de tijolo, colheas, cor de telha, fructu... e
do radice disse-me a senhora que era duvidoso... Eota se poliamuro,
luneta... m'uma palavra: um verdadeiro fantoche.

Jeronimo com desadade comica — Singular metamorphose!

Carlota — A senhora nada lhe escapou.

Jeronimo com vivacidade — Ah! sim?!... nada lhe escapou!!

Carlota no mesmo tom — Que tem com isso?

Jeronimo — O que tenho?! (a parte.) Nada de esconsegadellas. (alto) Eu sei
por viver... nada tenho.

Carlota — Entao não me interrompa.

Jeronimo — Eu não interrompo, interrogo... mais, foi não abro a boca...

Diga-me uma coisa: a patroa sabe o nome do seu perseguidor?

Carlota — Como que não... mais eu estou que ha-de ser algum ministro
discreto. (ou jura.)

Jeronimo — Bem... é em que pensão logo e sempre... grandes, bibulos...
oh! os multões!... São todas a mesma coisa: ambição.

Carlota — Eu, pelo minha parte, não rasarei senão com um homem!

Jeronimo — Titular?

Carlota — Não: mas muito rico.

Jeronimo a parte — Bem... foi sei onde bate o ponto. (alto) Ah minha, juro-lhe
sobre o cabo d'esta rapoupa, que adivo se ha-de chamar a sr.^a Carlota barqueira.

Carlota — Porque?... é muito rico?

Jeronimo — Não: mas vou tratar de juntar umicho.

Carlota — Eis o modo d'aver algum, de u as gullinhas.

Jeronimo — E aqui eu não parece. (pa. m. a mão na cara.)

Carlota — Annuncie-se!... ahí vem a senhora!

Senna 2.^a — Os mesmos, de mor que entra da direita com um papel na mão.

2 Leonor — Jeronimo, vai ao escritorio do 'arral de commercio...

Jeronimo choramingando — Dinha é por causa do Adonis?

Leonor — Não duvida... não me parece que seja motivo de espanto.

Jeronimo — Eu não me espanto, choro... mais prefiro a senhora que eu car
regasse d'isso a sr.^a Carlota... o cozinheiro está doente e eu é que tenho
a honra de o substituir... (a parte.) A honra do trabalho tambem.

Leonor — Tens razão... não me lembrou... Carlota!

Carlota — Não minha senhora. Deixa.

Leonor — Deixa este sumário no escriptorio do Journal do Commercio, e recomendo que não haja demora na publicação.

Carlota — Sim, minha senhora. (à parte) Deixa estar malandro, que tu não pagarias.

Jerônimo deitado à parte — Está como um bicho, mas aquillo papo-
the... Ah! que olhos! (sabe pela espreitada.)

Leonor, Carlota.

Carlota à parte — Eu já te digo. (alto) Minha senhora, desejava fazer-
the uma pergunta.

Leonor — Dize.

Carlota — A senhora tomou informações acerca de Jerônimo?

Leonor — Porque?!

Carlota — Porque... Logo no primeiro dia em que elle veio, a senhora re-
prehendeu-o por causa do caso... o rapaz ficou com o pobre cui-
mal entre dentes, e não me admiraria que fosse elle quem de propó-
sito o fez desatthar-se.

Leonor — Efectivamente, isso é possível... Jerônimo não tem muito boa
cara, não é verdade?

Carlota — Eu lá de physionomias não entendo... o que sei é que o
Antonio desapareceu.

Leonor — Si fosse um ladrão!

Carlota — Quem sabe?! eu d'aqui em diante vou ter muita cautela
com elle... quem rouba um cão, fôrte muito bem...

Leonor — Roubar uma qualquer coisa... Vigia-o... não des-
tões da suspeita...

Carlota à parte — Toma para o teu tabaco, já que me não sahes (João a campainha)

Leonor — Vê quem é, e depois não se demora. (sabe pelo andar) e a desconfian-
ça d'esta rapariga é, talvez, razoavel... porém, não é possível... Jerônimo
há quinze dias que está em minha casa... se fosse mal intencionado
não esperaria tanto tempo...

Carlota trazendo um bilhete de visita — Minha senhora, é um sujeito que eu
não conheço... deo-me este bilhete.

Leonor lendo — "Visconde de Morais". Não tenho a mais leve ideia... Dize-
se o que pretende?

Leyre

Leonor — Faltava a senhora só o negocio muito importante.

Leonor — Me. ousta o entrar.

(Aristotele abre a porta do fundo — Temho a bondade de entrar. (Aristotele entra e carrega sobre a porta.)

Senhora, H.^a — Leonor, o visconde.

Leonor — Ah!

Visconde à parte — Reconheço-me, é bom signal. (alto) Não desculpas de me ter atrevido a procurar V. Ex.^a sem ter honra de a conhecer... mas V. Ex.^a vive em uma total solidão, que tendo perdido a esperança de lhe ser apresentado, resolvi apresentar-me eu proprio.

Leonor inclinando-lhe uma cadeira — A quem tenho a honra de fallar?

Visconde — Vou descrever-me como um passaporte... nome: visconde de Maria... idade: vinte e cinco annos menos tres dias... estado: solteiro, porque ainda não encontrei o anjo de meus sonhos... emprego ou profissão: por curiosidade, pintor de grande merito, seguido deizer os meus amigos... dignidade particular: herdarei futuro a umha cento de um tio que, partindo d'este mundo me deve instaurar, sem da sorte, a qual pagando-me a saber, sobre como um braço d'armas, tem sempre lembrado em deixar-me pobre como Job.

Leonor — Deixe dizer-me o que pretende?

Visconde — Ambicionando apresentar na proxima exposição, um quadro que me agradeasse alguns honores, venho pedir a V. Ex.^a que se digno permitir que eu lhe tire o retrato.

Leonor — Não... não quero arriscar-me a ser recusada todo mundo.

Visconde — Tenho a convicção que a belleza inoffensiva para a culpa a universalidade das propria!

Leonor — Temho!

Visconde — Senora!

Leonor — Parece-me que ainda não lhe conheci o direito de me fazer o retrato.

Visconde — Não minha senhora, desculpe uma exclamation muito natural, e que me foi arrancada pela vista de tantos atractivos.

Leonor — Então?! continua!

Visconde — Perdão, vou ser franco... não vim pedir-lhe licença para lhe tirar o retrato, mas sim dizer-lhe: Sr.^a D. Leonor não a!... não a!
(Lança-se-lhe aos pés.)

Leonor afastando-se — Senhor, se julga que estarei por mais tempo, dis-
posta a ser objecto dos seus agradecimentos, enofama-se!

Duvisconde — Oh! minha senhora! um momento de attenção minha!
Vá a s. sumei-a!... e desde que a vejo, tudo tenho abandonado para
a seguir! para a encontrar! para lhe repetir em todos os dias passados
conhecidos e desconhecidos. (Muda de voz tres vezes.) Anna-a! Anna-a! Anna-a!

Leonor — Que insolencia! (Pisa pelo coração da campanha)

Duvisconde — E que faz?!?

Leonor — Em breve o saberei.
Sena 5.^a — Os mesmos, Jeronimo.

Jeronimo entrando — A senhora chamou? (Vendo o visconde — à parte) Oh! o meu patrão!

Duvisconde à parte — Por elle devo saber...

Leonor a Jeronimo — Acompanha o senhor visconde.

Jeronimo olhando em redor — O senhor visconde!... Onde está esse individuo?!

Leonor — É este senhor.

Jeronimo — Aquelle?! (Reatando a rir) Não está mais visconde!

Duvisconde — Minha senhora, fui talvez pouco delicado, apresentando-me
em casa de V. Ex.^a sem ter a honra de a conhecer, mas estava longe de es-
perar que seria escurvado pelo seu criado.

Leonor — Jeronimo, respeite este senhor.

Jeronimo — Não tratal-o sem todo o respeito... Senhor Julião Caldeira,
pomba-se no andar da rua!

Leonor — Então, este senhor não é... (Visconde faz signal a Jeronimo que responde affirm.)

Jeronimo — Ainda ha quinze dias, era o sr. Julião Caldeira, mais talvez
de outro para, cá...

Duvisconde à parte — Estubiado!

Leonor — Vejo que a sua visita teve por fim escarmentar-me... Si foi a posto,
ganhou-a... Jeronimo, acompanha este senhor.

Jeronimo — Com todo o gosto (Leonor dá-lhe para a direita)

Sena 6.^a — Duvisconde, Jeronimo.

Duvisconde — Agora nós... Com que então, grande patife, é assim que
vêdas os meus interesses!... Fico-te entrar ao serviço de esta casa, a fim
de estudar a praça, a ver por que meio poderia abrir brecha no coração
de Leonor...

Jeronimo — É coisa que ella não tem, coração.

L. Gomes

D. visconde — E tu, logo a primeira vez que entro aqui, fazes juramentos que me represento com um nome supposto.

Jeronimo — Válah-me Deus... Porque não me prevenias que se hia a fazer? Também, não sei que mania foi essa... Artistas de vocêto são poucos, em quanto que viscondes... encontram-se abri de cada esquina.

D. visconde — Mas tarde saberás tudo... Agora, trata de reparar a máquina que fizeste... Hannos: que descobriste de novo?

Jeronimo — E um macho! (Desolando-se) Ah! descobri! descobri!... primeiro: que me aborreceo muito... segundo: que ti abalho ainda mais... terceiro: que tenho saudades do Largo da Esperança, muito mais ainda!

D. visconde — Do Largo da Esperança!... Aventura que alli gozava, e eu sou no momento em que vi Leonor... hoje, só trato de lhe agradar; não sei como estou mudado?

Jeronimo — Verdade... contou a ofendermos... Pois elle, devido que se sacrificou a intermeço.

D. visconde — Escuta, Jeronimo... Quero Leonor, com toda a força e enthusiasmo com que outrora amei a arte sublime da pintura!... Então, quando quer elogios, abençoei nome entre os mais afamados artistas, era o meu fim... agora, o meu unico empreito é possuir Leonor, casar com ella! Se me servires com zelo e habilitade nesta empreza, eu pago de dez libras no dia do meu casamento.

Jeronimo — O que ella há de lembrar o senhor de mim e das dez libras! Tem outras coisas em que pensar... Se vier as dez libras, eu meetto... eu tenho um estro... muito enfeitado!... fêto, quanto da criadilha da casa... Ha só quer quem lhe chegue a isto... e as dez libras seriam a primeira pedra dos alibices da minha fortuna.

D. visconde — Com ellas.

Jeronimo — Já e alguma coisa... Mas, pelo que vejo, agora avexa-se... acaso morreu o velhote, e estamos senhores do todo?

D. visconde — Não; mas, tive nobrezas d'elle e ricas!... depois te conto... neste momento o principal é saber o meio de agradar a Leonor.

Jeronimo — Talvez fazendo uma viagem com bebalão... Elle que as mulheres gastão muito das emprezas arriscadas!... tanto como eu gostaria de reparar aqui as dez libras.

D. visconde com impaciencia — Se eu já te prometti...

Jerônimo — Pais sim, mas, eu é que tenho medo de algum caso. (Leonor entra a porta da cozinha, a tempo de ouvir estas ultimas palavras. — Visconde sabe fazendo signaes d'intelligencia a Jerônimo.)

Scena 7^a — Leonor, Jerônimo.

Leonor, entrando — "Heim?! tu fallavas em um caso?"

Jerônimo — Em não, minha senhora... era elle que fallava:

Leonor — Então, sabe onde está o assassino?

Jerônimo — Qual assassino?

Leonor — O meu Adonis.

Jerônimo — Ah!... (à parte) É esta!... como lhe hei-de eu explicar?... (alto) Não era elle que se tratava.

Leonor — Não mintas!... estou certa que era no Adonis que fallava.

Jerônimo à parte — Não lá tirar-lhe a cabeça. (alto) Mas, minha senhora...

Leonor — Era elle, já disse!

Jerônimo à parte — Já que assim o quer... lá vai. (alto) É verdade... é sim, minha senhora... aquelle sujeito sabe onde está o Adonis... eu não queria dizer-lhe a senhora para se não martificar... pedi-lhe que se trouxesse; porém, o contrato não quiz attendêr-me... cheguei a ver uma de folhas, umas miúdas!

Leonor — Heim?

Jerônimo — É cá uma cousa... Appear da humilhação de minha posição, recuso a saber, sabe Deus para que!

Leonor — Como!... julgas a caso...?

Jerônimo — Que o ven matar?... quem sabe?... eu gostava muito d'elle... Mas, talvez se a senhora não pedisse, fosse mais feliz... eu... se quizes, vou encunhar-o.

Leonor — Então, tu achas o quê?

Jerônimo — Em cá não senhora.

Leonor — Porém, não podes chamá-lo a justiça...

Jerônimo — Foi por engano... Parou-se um pouco com um sujeito que me vi deas em tres vezes a minha casa, sem que servi; mas, antes de saber, irrou-me que effectivamente é o Sr. visconde de... Que que o vai chamar a casa?

Leonor — Sabes onde mora?

Jerônimo — Disse-me a morada, para no caso da senhora... Longo da

170
Estimava-me 22, 3.ª andar.

Leonor — Sim, mas imediatamente.

Jerónimo — Como a salvar-te, pobre coadjuvante... (Dávida falsa) E se elle já tiver esquecido... quero dizer, morrido, sempre lhe digo que o faça.

Leonor — Sim, faz-o-hi embalsamar.

Jerónimo — Eu tirar-lhe uma photographia... e mais nada.

Leonor — Vai depressa. (Indicando a porta do fundo.)

Jerónimo — Ah, não é preciso... elle não vem!

Leonor — Sim, coadjuvante!!

Jerónimo — Nada!... Ora... o seu... elle! (Indicando a Leonora) Sim, coadjuvante!

Scena 8.ª — Os mesmos, o visconde.

Visconde — Perdão... não perdões de ser eu ainda... mais V. Ex.ª fez-me a honra de me acolheremto de tal sorte lisonjeiro, que perdi a cabeça.

Jerónimo — E vem cá procurar-a?

Visconde — É tanto que me esqueço de ir a moradia, para V. Ex.ª me fazerem no caso de se resolver a tirar o retrato.

Jerónimo à parte — E um raso de não voltar como outro qualquer.

Leonor muito amavel — Deixa sentar-se e prestar-me a atenção... tenho que lhe dizer duas palavras.

Visconde — Quis, quatro, mil, non milhão de ellas! (Sentar-se à parte) Que mudança! (Jerónimo) Brigado!

Jerónimo — e não há de que.

Leonor a Jerónimo — Retira-te.

Jerónimo à parte — E esmaltava lá essa meada! (diz.)

Scena 9.ª — Leonor, o visconde.

Leonor — Com a nobreza de, adunhar-se de ser eu quem neste momento lhe peço que me escute com attenção, quando não ha merito que...

Visconde — e não me colubro... todos os dias estamos vendo d'estas mudanças repentinas, principalmente nas senhoras... e V. Ex.ª é do numero das que podem ter certos caprichos.

Leonor — Não... não é um capricho que me obriga a fecter-lhe esta eu prevista, mas sim uma affeição sincera.

Visconde — Como??

Leonor — É para evitar um grande desgosto, que o não deixo partir, sem ter a certeza...

elle sabia... e quando lhe perguntei pelo Adonis, respondeo-me... não me respondeo coisa alguma.

Jeronimo — Não desanimem, minha senhora... Talvez o visconde fallese no mar, para ter um pretexto de cá voltar... Eu, não se tira a cabeça que o animal está preso.

Leonor — Presso!!

Jeronimo — E verdade... por alguma que, sabendo quanto a senhora o estima, e agarrou com o fim de ganhar as alviçadas.

Leonor — Isso é infame!

Jeronimo — Então que quer?... modos riventes.

Leonor — Não importa... o que desejo é que o tração se apressa... Ah! ah! nem Carlota!

Scena 12.^a — Os mesmos, Carlota.

Carlota — Ah minha senhora, já deu conta do seu recado.

Leonor — Bem... Deus queira que se tire proveito.

Carlota — A senhora sabe quem encontrarei parado á porta da rua?... O sujeito de ainda agora... Quando passei por elle deu-me cinco testões para eu não dizer á senhora que o tinha visto.

Jeronimo á parte — Não lá fiar-se em brincadas!

Leonor — E que estaria elle a fazer?

Carlota — Minha senhora, talvez fosse imaginação minha, mais não posso mais que estava examinando a feclidura.

Leonor — Deixe de ser malfeitor!! Prohibo que homem se abrinha a minha, e quem?

Jeronimo — Não se abra por mim não lhe abra.

Carlota — Não se abra por mim não lhe abra! (Leonor sahe.)

Jeronimo á parte — Não se abra por mim não lhe abra! (Leonor sahe.)

Scena 13.^a — Carlota, Jeronimo.

Carlota — Ora, diga-me, senhor Jeronimo, julga que estarei sempre disposta a dar de estas admirações?

Jeronimo — Não, senhora Carlota, não faça uma cara tão séria... Ah que está manita feia! Quer ser como eu não já descurgar estes sobrolhos?... (Ao ouvido)

Em quanto andou lá por fora, quasi que ganhei dez libras!

Carlota com vivacidade — Dez libras! Onde estão ellas?!

Jeronimo — Eu lixe quasi, mas se vossemos quizer... estão ganhas.

Leopoldo

D. visconde — P. Avia-be.

Jerônimo — Tome conta! Ohe que fica só com a minha futura... pro
bricolé de.

D. visconde — Vai descompartido. (Jerônimo sahe para a direita)

Scena 15.ª — Carlota, o visconde.

D. visconde — Ouve cá pequenuecha... o que dizes tu do meu physico?

Carlota — Srá, o que hei-de dizer?... que é encombador.

D. visconde — E a tua alma, estará louca at'armos por viver?

Carlota — Louca, não digo... ha' t'ou pouco tempo que o conheço!... e de mais...

D. visconde — Demais... o que?

Carlota — Não sei se lhe diga... mas lá vai... o seu. não tem esse de
ser ciúmes... Desde que a senhora entrou, vou para tres annos, minor
e terruna tudo tem impregado no seu Adonis.

D. visconde — Ah! pois ha' foi tres annos que ella tem um Adonis? (a par.
te) Ah! aciva! preciso combater-o!

Carlota — Era tu' bonito!

D. visconde — Louco ou castanho?

Carlota — Tudo branco.

D. visconde — Então, é' foi velho!!

Carlota — Agora, velho!... E' até' bem novo.

D. visconde — Ah! — Novo e' da cabelho branco!... (enfurecido) E' mais a mais
e' velho!... Mas não' farto branco!

Carlota — Elle estina tanto o seu Adonis!... Eu tambem acido no meu
quando for a vida... pronto é' que um marido consinta... e' que um
de' tra' elle!

D. visconde — P. Avia!!

Carlota — Pois então?

D. visconde — Como elle o diz!

Carlota — Para que' hei-de occultar?

D. visconde — Isto' passa os limites!

Scena 16.ª — Os mesmos, Leonar.

Leonar entra da direita — Suba' vez aqui, senhor!

D. visconde — Ah! é' V. Ex.ª!! Quina' entrar me... Ha' um' vez que a casa
um' vez de trinta e um' dias!... dos meus compridos foi ve... Como um' co'z
fiel' tenho a seguinte ao theatro, ao spaccio, a tocha a parte... e' aq'ros.

no momento em que minha irmãal-a que me acesitasse por isso, etc.
que V. Ex.^a. Não! nunca lhe direi o que soube!

Carlota à parte — O que está elle a dizer?! ~~...~~

Leonor — Mas confiam, senhor, a que soube a meu respeito?

Visconde — Ainda o pergunta!

Leonor — Certamente.

Visconde à parte — Como lhe hei de dizer? Confiam! (Alto) Saiba que V. Ex.^a.

Diz-lhe-hei em duas palavras... Sei tudo! Sim, minha senhora, sei tudo! (Mostrando Carlota) Foi esta innocente quem me fez ao facto d'esse horrivel mysterio!

Leonor beira a Carlota — E preciso não o contradizer... está doado!

Visconde — Vamos, repete...

Leonor — Não é necessário... esta rapariga disse a verdade.

Visconde — Também ella o confessou... Oh infamio!

Leonor a Carlota — Vejamos se é possível socorrer-o. (Alto) O senhor está de tal forma agitado!... quer um copo d'agua?

Visconde — Encaminhada, talvez!... perdoe; quer occultar um crime occultando um crime... Também, que me inspira a existência, de uma que tenha as illusões speraticidas?!

Carlota a Leonor — Parece-me que seria bom chamar um medico!

Visconde — Mas senhora, se a sua consciencia a não accusa, de que se... não consinta que a caluniamem!... não se cuncta nada?!

Leonor à parte — Que fenoa! ainda tão novo! (Alto) Tudo o que esta rapariga lhe disse é a pura verdade.

Visconde — Isto é a razão de me fazer doado!

Carlota à parte — Crede! ainda mais do que elle sabe...

DESAO III. — Os mesmos. Jeronimos.

Visconde a Jeronimo que vem entrando da direita — E eu cá... Eu tambem me ir d'acordar!... eu, a quem eu tinha tratado a respeito d'umido, abusavas da confiança que eu te hesitava em si... agora... desprozio!

Jeronimo — Ah! senhor, quem lhe fez isso?

Visconde — Porque razão me o tem occultado?... cuncta, responde!

Jeronimo — O que, senhor?!

Visconde — Ah! já sei!... Comecias a estado do meu coração! Sabias que a cothar me tinha tal infamio e me ferir-me sem piedade!... Por-

Leivas

fessa e a herdoadar-te-hei.

2 Leonor vai ao Jeronimo - Dize que confessas.

Jeronimo - Dize que?

2 Leonor vai ao visconde e ao Jeronimo - Diga que sim, que confessas!

o visconde - Entao, nao respondes? Confessa que ja sabias e...

Jeronimo ia pra fora - Menos vez que tento aperta... (alto) 'ja sabia, sim senhor. (a parte) e homem porca que vio bicho!'

o visconde - Agora nada me resta... a tua confissao destruiu-me a ultima esperanca... Adeos, senhoras! Adeos para sempre! e que o seu Adonis se faça muito feliz! (dado pelo fundo)

Leonor - Ahi que eu fimo, estamos livres!

o visconde entrando na porta - Sim... muito feliz!

SCENA 18.ª - Leonor, Jeronimo, Carlota.

3 Jeronimo - Estava curioso de saber o que tu confessas.

2 Leonor - E um clauda varrido! Se o contra-dissepenos nao sei o que seria...

Carlota - E eu que tenho tanto medo de claudos!

Jeronimo - Dize! Julgao no clauda?

Leonor - Se o nao e isso tu falta.

Jeronimo - Que adulto e parricida, isso ha e... mas nao e aquelles que se costumam entrar a parricida.

Leonor - Dize que?

Jeronimo - Digo que a, coisou, nao e tao perigosa como honra... sabe o que elle quer? um anno de casamento com cima do estilhaço!

o visconde a parte - Estilhaço! Que terrinos aquelles... Dize a-me hir ao campo da casa. (dado para a esquerda)

Leonor - Nao me coisou esta lingua de... mas, affirimo que se este homem nao e um clauda e pelo menos similito utroviolo.

SCENA 19.ª - Leonor, o visconde, Jeronimo.

3 o visconde entrando - Entao... esta e a ultima vez que venho ser infortunada. Ultima e irrevogavel! Jeronimo, meu amigo, ja nao tens mais que me fazer nesta casa... volteemos para o Largo da Esperanca.

Jeronimo - Vamos a isso... Oh! felicidade das felicidades! 3

2 Leonor ao visconde - Que quer dizer?!

o visconde - Quero dizer que venho buscar o meu criado... Aquillo que 3.ª. e ali se, pertence-me!

Gerônimo batendo no peito — E verdade... isto pertence-lhe!
Leonor — e não acuriretendo.

Carlota fora — Minha senhora! minha senhora! (Entra pela esquerda)

Gerônimo DO? — Os mesmos, Carlota.

Leonor — O que aconteceu?!
Carlota — É elle! o assassino!.. vi-o da janella!

Leonor — Vai depressa buscá-lo!

Duvisconde — Vai depressa buscá-lo.

Duvisconde — Perdão... falta n'um cachorrinho que está preso n'argolas da porta?

Carlota desviando-de-d'Ele — Sim!

Duvisconde — Também é meu... Sou eu o dono.

Carlota — O senhor está aborrecido... (Leonor tapa-lhe a boca. — Baixo.) Tem razão.

Duvisconde — Comprei-o n'um rifão que o levava ao ceia.

Carlota — Mas, é o Adonis!

Duvisconde — Heim?! que diz!.. o Adonis!!

Leonor — Sim; o meu Adonis... um caõzinho todo branco.

Duvisconde — ~~Seu~~ Pois, deveras... o Adonis em que toco...!!

Gerônimo — Não posso de ser um cão.

Duvisconde — He! inoffensivo rival!.. Eu que lhe jurava pela pelle!

(filho) Minha senhora, peço-lhe mil perdões; mas, convencido galgar n'um

Adonis de U.C.^a, julguei...

Leonor — O que, senhor?

Duvisconde — Julguei... julguei que era o seu Adonis.

Leonor — Sim!..

Duvisconde — e agora, de novo me propizinho a ser o dono d'isso de U.C.^a

Leonor — Não posso de comprehender tão grande obstinação... Minha pro-
mettido se compensar a quem me trouxe o Adonis... peço-lhe...

Duvisconde — D'ahi!.. e vivam!! He! minha senhora, sou proprietario
de um tio que, tendo-me salvado do... criando, e n'iz desmerda-

me, porque a carreira diplomática, me fize a vida laboriosa de arti-
sta... com um nome suadito, para não incurrir no desagrado do

velho, abracei a medicina de primeira classe na ultima opposição.

Hoje que os meus quadros são estimados, e que poderia bem passar
pela fortuna de meu tio, perdoo-me elle o he! e enforcado, dá-me

uma pensão de vinte libras mensaes e irounette-me que serci seu her-
deiro... Caõzinho, fortuna e proscião, tudo tenho a honra de pôr aos

115 de l. e. o.ª (Gira n'uma posição comica)

Leonar — A sua posição e' na verdade, original... Accito.

Luís conde — Accita!!

Leonar — Sim... accito o raosinho como restituição...

Luís conde — Só!!

Leonar — ... não; tudo, e... quero ser franca, accito com prazer, porque também... (Estende-lhe a mão, que elle beija) e que tenho a pedir-lhe e que se meça da maneira pouco agradavel, com que hav pouco...

Luís conde — Ah! agora, que vou gozar a suprema ventura de, possuir um cu, apenas de' isso me lembro... tudo o mais... esqueço.

Leonar — O que se tem conservado ao fundo com a cartola — Oh! patrao! e as minhas dez libras?

Luís conde — Toma-as emquanto d'ellas me não esqueceres egualmente.

(Dá-lhe o pite-mouche: Leonar toma-lhe o peso e passa-o a cartola.) E agora:

P'ra ventura que hoje gozo
 Ainda maior vir a ser,
 Se quizerdes, nós podemos
 Com certeza concorrer.
 P'ra isso basta os braços
 Palmos a palmos reunir,
 De sorte que as palmas juntas,
 Palmos só deixem ouvir.

Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC

Escola Superior de Teatro e Cinema